

28/4/1936

# CINE-JORNAL



ANO I - N.º 28 — 27 DE ABRIL DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



**Bocage**  
(Raúl de Carvalho)

**Neste número: A TRÁGICA DECADENCIA DE PAMPLINAS**



Jean Parker compareceu perante o tribunal de Las Angeles para legalizar o seu contrato, visto ser menor. O juiz Douglas Edmundo despachou favoravelmente a sua petição



Jean Harlow, com três gémeos...



Mac Clelland Barclay pertencia ao júri que classificou Jean Chaburn num concurso, e quis perpetuar um quadro de beleza incomparável da linda artista



Mary Carlisle e a sua colecção de arquieas

# Ainda a verdade histórica no cinema

**J**á aqui abordámos o problema da verdade histórica no cinema. Dissemos então «que presidia à concepção dos filmes a necessidade de agradar ao público, seja porque processo fôr».

Porém, o assunto é vasto. Tão vasto que Berthold Viertel, realizador dum filme acerca da vida e obra de Cecil Rhodes, um dos principais pilares do imperialismo britânico, viu-se agora na necessidade de responder aos ataques que o prof. Hearnshaw lhe dirigiu, sobre a maneira como a verdade histórica foi tratada no referido filme.

E embora isso pese aos que, como eu, pretendem ver na tela a exacta expressão dos personagens e da época em que viveram, não resisto à tentação de transcrever a carta subscrita por Berthold Viertel em virtude do interesse e oportunidade que oferece.

Segue a missiva:

«Os pontos de vista do prof Hearnshaw acerca da representação da história pelo cinema certamente vão merecer a mais ardente consideração por parte dos realizadores e produtores de filmes e eu, na minha qualidade de realizador de «Rhodes of Africa», desejo expor o que presidiu ao meu pensamento quando dirigi o filme em questão.

Na história governam os factos: no drama, a imaginação. O dramaturgo ocupa-se da sua própria necessidade: os acontecimentos devem construir uma ideia dramática. O novelista trata facilmente acontecimentos dum época distante mas se tratamos dum filme que envolve história recente encontramos dificuldades. Sobretudo porque ainda existem pessoas vivas que assistiram a esses acontecimentos. Muitas vezes até a memória reloca os detalhes reais, porque na construção das suas memórias todo o homem é poeta. Depois, ligamo-nos a elas e defende-as. Como nas aproximações de Rhodes para o retratar na tela? Deveríamos elogiá-lo? Embetezar as fraquezas que o tornaram tão humano?

Esconder a sua tragédia e evitar as suas contradições e alcançar a imagem dum herói académico de um velho livro de escola? O dramaturgo diz não. As nossas ideias acerca do culto

dos heróis mudaram. Um homem vale pelas ideias que sustenta. Dois diferentes pontos de vista sobre o culto dos heróis, um de Carlyle e outro de Emerson, concordam num ponto fundamental: o grande homem é o homem representativo. E foi partindo deste ponto de vista que eu vi «Rhodes of Africa». Havia um romance de natureza peculiar a construir: a paixão, durante uma vida inteira, de um homem pelo seu país.

Não há uma única mulher na vida privada do sr. Rhodes». A sua alegria: a União Sul Africana. Este homem de acção era também um sonhador. Tinha sonhos coloniais, sonhos financeiros, sonhos agrícolas. Sonhava com as ciências que trariam a melhor juventude do mundo a Oxford. Mas continuamente ele sonhava com uma coisa: a África. Um grande homem? Um instrumento de progresso. Um instrumento usado pela história e então, um dia, uma campainha das colinas de Mallopo. Três grandes pedras no cume em sublime nudez e uma simples lousa de mármore com uma inscrição laconica — esta, em si, o melhor monumento do moderno heroísmo. O eterno lugar de repouso de um grande trabalhador. Esta campainha deu-me a ideia para o estilo do meu filme. Como se alguém pudesse apenas deixar os factos históricos falar por si!

Vi Rhodes e os seus principais opositores Logengula e Kruger cada um representando a terra num diferente estado de desenvolvimento: o homem primitivo, o agricultor patriarcal e o representante do capitalismo progressivo espalhando a moderna civilização. Cada um deles foi posto pelo progresso no seu lugar e fora das suas diferentes posições desenvolve-se o drama. Talvez a tela os faça encontrar-se, com mais dramatismo do que realmente se encontram na vida, pessoalmente. Era necessário concentrar, somar, usar livremente o factor tempo. Representar a verdade das ideias e não a semelhança dos rostos e a ordem exacta dos acontecimentos, foi o objecto — e penso deva ser o objecto de todos os filmes «históricos».

E foi com estas intenções que realizei «Rhodes of Africa».

OPERADOR N.º 13

## EM INGLATERRA OS QUE VÃO AO CINEMA

Na Inglaterra acaba de fazer-se uma interessante estatística, sobre a idade e profissões das pessoas que frequentam as salas de cinema.

Aparou-se que as que mais filmes vêem têm 22 a 45 anos. As pessoas entre estas duas idades foram 50% do público. As mais novas, entre 13 e 21 anos, 17%, e as pessoas de mais idade — de 46 a 60 anos — 14%. O resto divide-se, quasi igualmente entre novos e velhos.

No que diz respeito às profissões e situações sociais, vem em primeiro lugar os empregados de repartições que contam 22%, e logo a seguir as pessoas que se ocupam em trabalhos interiores — de que faz parte a maioria do público feminino — com 16%.

Os professores liberais dão 15% do público; os operários de indústria 9%; as escolas e universidades 6%; os patrões e directores de firmas ou sociedades 5,4%; os reformados e capitalistas 4%; os empregados de comércio, 4%.

As Artes dão 3,87%; os empregados do Estado 3,50%; os farmacêuticos 3,39%; empregados em transportes 1,70%; a armada, a marinha e a aviação militar 1,6%; a agricultura 1,20%; os desempregados 0,80%.

UM ALVITRE

## Porque se não procuram crianças para os filmes portugueses?

Por nos parecer interessante, publicamos a seguinte carta:

Sr. Director: — Na Secção da «Vida Artística», do «Diário de Notícias», de 16 do corrente, o autor do artigo «O Futuro do Cinema em Portugal», aborda, com caradas de razão, o problema da falta de elementos «vivos» para elevar o cinema português à altura a que o nosso nacionalismo ambiciona.

É talvez possível encontrar fora do teatro os elementos necessários para o desempenho de um filme nacional. Além dos actores portugueses que já temos visto passar no «ecran» com bastante agrado, (faço-lhes no menos essa justiça, porque me têm agradado — estou longe de ser um crítico cinematográfico), creio que os cineastas portugueses com um pouco de boa vontade, paciência e sacrificio encontrarão muitas vocações dispersas no seio de inúmeras famílias.

Ha, porém, um género intérpretes a que os cineastas parecem não querer dar importância: — as crianças.

Quem fôr um pouco observador notará que as casas de espectáculos de cinema estão sempre cheias quando o programa inclui algum filme da famosa Shirley.

Em Madrid, segundo informam os jornais, a estrela da pequenina Mary Tere constituiu um notável xito. Escusa de frisar o alcance comercial que presenciamos estes espectáculos.

Porque se não pensa entre nós fazer o mesmo? Não significaria isso querermos imitar o que se faz lá fora, mas seria muito mais agradável ao espectador ouvir o pequeno artista falar a linguagem nacional do que ser obrigado a forçar a vista para ler as legendas sobre impressas, que tiram todo o sabor ao desenrolar dos quadros.

E, pela minha parte só poderei contribuir com a minha assiduidade aos espectáculos de filmes fadados em português.

Com muita consideração, de V. Ex.ª, etc. — Mário Gonçalves.

Aqui fica o alvitre. Tem a palavra, agora, os cineastas portugueses.



Gild Gray, rainha da dança

## Os melhores filmes do mês, segundo "Photoplay,"

Photoplay designa, todos os meses, quais os melhores filmes exibidos nesse espaço de tempo. Vejamos os referentes a Março:

— *Captain January*, da 20<sup>th</sup> Century-Fox, com Shirley Temple.

— *13 Hours by air*, da Paramount, com Fred Mac Murray.

— *The Country Doctor*, 20<sup>th</sup> Century-Fox, com Jean Hersholt e as cinco gémeas de Dionne.

— *Little Lord Fauntleroy*, da Selznick Internation, com Freddy Bartholomew.

— *These Three*, da United Artists, Miriam Hopkins, Joel Mac Crea e Merle Oberon.

— *The Moon's our home*, Paramount, com Margaret Sullivan.

— *A Message to Garcia*, da 20<sup>th</sup> Century-Fox, com Wallace Beery e Barbara Stanwyck.

— *Too Many Parents*, da Paramount, com Billy Lee.

— *The Singing Kid*, da Warner, com al Jolson.

— *Rhodes*, da Gaumont British, com Walter Huston.

— *Peticoat Fever*, da M. G. M., com Myrna Loy e Robert Montgomery.

# Curiosidades

Metragem, número de imagens e duração de projecção

Quantas imagens tem cada metro de filme. Com que velocidade passam na tela? Os filmes exibem-se à razão de 24 imagens por segundo. Um metro de película tem 53 imagens e «corre-se», portanto, em 2 segundos e meio. Vejamos:

Metragem	N.º de Imagens
1 metro .....	53
10 metros .....	530
27 » .....	1.431
50 » .....	2.650
100 » .....	5.300
500 » .....	26.500
2.000 » .....	106.060

Estabeleça-se agora um novo quadro, referente à duração da projecção:

Metragem	Tempo de exibição
1 metro .....	2 segundos 1/2
10 metros .....	3 segundos 3/4
27 » .....	1 minuto
50 » .....	1 minuto 48 s.
100 » .....	3 minutos 36 s.
500 » .....	17 minutos 27 s.
2.000 » .....	1 hora 10 m. 10 s.

E se soubermos que um filme de fundo tem em média 2.200 a 2.500 metros, fácil será avaliar o número de «quadradinhos» — como diz o vulgo — em que se decompõe.

## Bizarrias e Excentricidades

Sabem que Kay Francis usa apenas 20 «batons» para os lábios, durante o ano?

Que Adolfo Menjou fuma cigarros especialmente fabricados para ele e com as suas iniciais?

Que Charlie Chaplin não pode ver uma ave sem empalidecer e que Shirley Temple tem sempre a seu lado oito gatos pequeninos?

Que Eric Von Stroheim cria aranhas com a mesma solicitude e entusiasmo como se fossem galinhas de raça?

## Shirley Temple entre os Imortais

Shirley Temple vai de vento em popa. O seu último título de glória é ter o nome inscrito na nova *World-Wide Illustrated Encyclopedia*. E sabem onde o vão encontrar? Entre o de Frederick Temple, arcebispo de Canterbury, nos fins do século XIX, e o de sir William Temple, embaixador na Bélgica, no fim do século XVII.

## Aristophane e o Cinema

A história do produtor que se negou a cinematizar *As Aves*, com o pretexto de «que os documentários não têm interesse» — já do domínio público. Mas Aristophane continua com pouca sorte.

Um realizador, com efeito, anunciou, recentemente, a uma vedeta, que contava adaptar à tela a célebre peça. E a vedeta em questão sentiu-se na obrigação de anunciar:

— Sabes?! Vão filmar *As Aves*, de Stophane!

— De quem?

— De Stophane!... O quê?! Não conheces?... Harry Stophane.

Supomos que a careassa do poeta ateniense se devia ter agitado, no seu túmulo milenar...

## O novo filme de Anny Ondra

Para o novo filme *On-Jra-Lamac «Filterwochen»* (Lua de Mei) com Anny Ondra e Hans Söhnker nos papéis principais, e cujos exteriores estão sendo manivelados em Garmisch-Partenkirchen, no sul da Alemanha, foram contratados Platte e Carsta Löck. Carl Lamac é o realizador.

# Tomás Alcaide vai para Hollywood, contratado pela Metro-Goldwyn-Mayer?

Tomaz Alcaide, o famoso artista português, justamente reputado como um dos maiores tenores do mundo, e que há pouco abordou o cinema, no filme «Disco 413», que ainda não foi apresentado, mas com inegável felicidade, recebeu, segundo noticiaram os gozetos, propostos de Hollywood para interpretar um filme.

Concretizando os novos vindos a lume, podemos hoje informar com absoluta veracidade, que o firme que lhe fez sugestões para ser o protagonista dum comédia musical, foi o Metro-Goldwyn-Mayer, por intermédio do sua agência em Paris.

Tomaz Alcaide teve, há dias, uma demorado conferência com o sr. Lowrence, magnate do firmo do Leo, na Europa, e ficou assente que dentro de breves dias fará provas definitivas, de imagem e de som, que serão remetidos o Novo-York, e que irão confirmar, por certo, a impressão magnifico deixado pelos que já se encontram em poder do sede do M. G. M., no Américo do Norte.

Por informações fidedignas, podemos informar a nossos leitores que estas novas provas são um mero proformo, e que tudo indica que em Julho ou Agosto o nosso compatriota tomará o rumo do Américo. Não o poderá fazer antes, no caso de ser levado o bom termo o anunciado contrato, em virtude de ter tomado um compromisso poro uma série de alguns espectáculos no Grande Ópera de Paris.

CINE-JORNAL, que tem acompanhado com a maior simpatia e interesse, a carreira brilhante do nosso compatriota, e a sua iniciação no cinema, fox votos por que se confirme esta perspectiva tão brilhantemente desenhada, e que Tomaz Alcaide se torne um digno emulo do Kiepara, como tão justamente merece.

Para terminar, garantimos aos nossos leitores a autenticidade do que deixamos escrito, e que é o expressão fiel do telegramo enviado pelo nosso correspondente em Paris.

## JAMES SEEBACH

Morreu James Seebach, veterano operador do «Fox News», que trabalhava naquela especialidade, desde 1919.

## MORREU MADELEINE GUITTY

Uma grande artista de composição do cinema francês

Madeleine Guitty, uma das mais populares características do cinema francês, morreu, há dias, com 65 anos de idade.

Nasceu em Corheil e fez uma carreira notável sobre os principais palcos franceses. O cinema tentou-a. No tempo do mudo, interpretou: 600.000 francos por mês, *Madame Sans-Gêne*, etc. No sonório, apareceu em várias obras como *Um rapaz encantador*, *Sans Famille*, *Zuzu*, *Ademai Aviateur*, *Petitra Miltonário*, etc. A *Fanfarra do Amor* foi o seu último filme.

## Brian Aherne filmo

Brian Aherne o galã de Marlène em *Cântico dos Cânticos*, de Helen Hayes em *Vanessa* e de Joan Crawford em *Quero viver a vida*, está trabalhando agora com Katharine Cornich na adaptação cinematográfica da peça teatral *Saint Joan*, de Bernard Shaw.



Dorothy Furness, com um vestido feito com os cabeçalhos dos principais jornais americanos

# Cinema de amadores

UM 16 do corrente, realizou-se na sede da Sociedade de Propaganda de Portugal uma sessão de cinema de amadores que muito nos apraz registar, pelos progressos que essa modalidade de cinematografia demonstrou através os filmes exibidos.

Já não são meras experiências, mas sim afirmações seguras do muito que há a esperar dos nossos amadores, entre os quais destacamos, na sessão referida, os nomes de Dr. António de Menezes, Engenheiro F. Carneiro Mendes e Italo Rizzetti.

«Regatas em Vila Franca», do primeiro daqueles amadores, é uma reportagem que não desmerece ao pé das que os profissionais portugueses nos apresentam. A fotografia é boa e o interesse descritivo está valorizado por uma montagem acertada. De notar a beleza e o pitoresco das imagens colhidas ao ar livre.

O sr. Engenheiro Carneiro Mendes distinguiu-se, sobre tudo, no documentário «Leixões», em que se revela possuidor de boa técnica cinematográfica. A imagem das escadas, no farol da «Boa Hora», é um perfeito achado e tem cinema «a valer». Fotografia primorosa e bom gosto na confecção dos quadros, são caracteres dominantes que também se registam em «Festas da Cidade 1935», reportagem bem cuidada e devida ao mesmo autor.

Italo Rizzetti, em «Quatro dias na Mata», secunda o valor dos restantes amadores, quer em interesse cinematográfico, quer em fotografia.

Felicitemos a Sociedade de Propaganda de Portugal pelo êxito desta sessão, constantemente enterceitada de merecidos aplausos, por parte da assistência numerosa e atenta.

Auguramos à Sub-seção de Cinema, do «Grémio Português de Fotografias», da iniciativa daquela Sociedade, um crescente êxito, não só pelo merecimento das realizações apresentadas agora, mas também pelos progressos que, todos os anos, vem assinalando.

## «Vidas Tenebrasas»

A Paramount anuncia a sua intenção de reeditar *Vidas Tenebrasas*, que vimos, no tempo do mudo, com George Bancroft, Clive Brook e Evelyn Brent, nos principais papéis.



Hazel Foster goza as delicias do sol da Califórnia

# CÁ POR CASA...

## Notas e Comentários

A época está quasi a findor. É cedo ainda para fazer um balanço — mas não será ousado arriscar que poucas épocas terão sido tão brilhantes como esta, sob o ponto de vista da produção exibida. Além disso, este ano iniciou-se, com a vinda de George Milton ao nosso país, um novo ciclo de atrações estrangeiras nos nossos palcos. Depois de Milton e de Lucienne Boyer (que já fez cinema também) e da prometida Odette Florelle — já-se na visita de Gracvy, de Préjean, etc.

Tudo indica que esta época ainda outros nomes tenhamos a registrar.

\* \* \*

Portugal começa, parece, a interessar os cineastas estrangeiros. Depois de Pierre Chenal, que esteve no Tejo a filmar «Os Amolinados do Elseueur» e que prometeu realizar um filme onde aproveitasse mais largamente os cenários naturais da nossa terra, eis que Harry Piel, o veterano actor dos movimentadíssimos filmes de aventuras, se apressa a filmar no nosso país.

Na Madeira, também Chenal filmou algumas cenas para «Les Muliens de l'Elseueur» e uma troupe alemã tomou os exteriores para o filme «The Marriage of Corbat», que tinha Nits Asther, como principal intérprete.

Harry Piel vem por certo fechar com chave de ouro este ciclo. E se bem que precedentes visitas de cineastas estrangeiros tenha deixado mais recordações no celuloide — vidé caso de «Estupefacientes»... — não podemos deixar de nos interessar pelas que futuramente se venham a verificar, fialtos em que «Estupefacientes» foi uma excepção à regra de que elas são sempre e absolutamente aconselháveis.

\* \* \*

O «Diário de Notícias», na sua secção de cinema, está fazendo, por assim dizer, uma revisão interessante dos valores da cinematografia portuguesa, desde os tempos recnados da «Sereia de Pedra» e dos «Olhos da Alma».

E fomos lá encontrar uma reflexão absolutamente justa, de que tantas vezes nós fizemos eco: artistas que provaram bem, quando, pela primeira vez, aborardaram o cinema, foram abandonados logo a seguir e nunca mais voltaram a enfrentar a câmara.

Dina Teresa é o caso mais flagrante e mais típico desta afirmação. A inesquecível intérprete da «Severa», a vedeta que, até hoje, no cinema, arcou com o mais difícil papel, e da forma mais lisonjeira para o seu orgulho de artista — foi lançada à margem e nunca mais tomou parte em nenhum filme.

Há mais, nas mesmas circunstâncias? Sem dúvida. Não vale a pena citar os seus nomes.

E pergunta-se: teremos nós tantos valores que possamos lançar à margem, os que, insofismavelmente, prestaram as suas provas?

\* \* \*

O facto, a que nos referimos, tem sido possível, evidentemente, em virtude da produção cinematográfica no nosso país se traduzir na realização de uma ou quando muito duas fitas por ano. Se produzíssemos muito, os intérpretes haviam de faltar — e logicamente os produtores leriam que lançar mão dos «contingidos» (?)...

Se a ansia de variar é preocupação

do artista, do criador dum espectáculo — e cristalizar, em arte, é um retrocesso — nem por isso deixa de ser censurável o abandono das vedetas que provaram bem, porque se se cria ou se se tenta criar uma ingénua, um galão ou

uma característica, em 90 casos sobre 100, compromete-se, por outro lado, a obra com uma actuação deficiente da vedeta «in-herbis».

No cinema português, a percentagem deve ser ainda um pouco menor...

Quando olho os retratos das formosíssimas raparigas do cinema americano penso que seriam a «loucura» dos realizadores portugueses! Tão bonitas, tão fotogénicas, tão frescas e graciosas!

No entanto, a pesar-dos seus sorrisos angélicos e dos seus corpos impecáveis — essas pequenas são ilustres desconhecidas no mundo do cinema «yankees»...

Para se ser uma grande artista, uma vedeta genial — a beleza é factor secundário. Personalidade e talento são as condições primaciais. E foram estas duas características que tornaram Katherine Hepburn, Joan Crawford e Greta Garbo — em expoentes máximos da interpretação cinematográfica.

\* \* \*

Francisco Ribeiro, o popular Ribeirinho dos nossos palcos, vai abordar o cinema em «Revolução de Maio». O facto condensa em si um acção de justiça e os bons desejos dos cinéfilos portugueses, que há muito ansiavam por ver o grande artista abraçar a Sétima Arte. Pelas suas características especiais de representar — Ribeirinho estava perfeitamente indicado para o Cinema.

Vimo-lo, há dias, filmar algumas cenas. E deixou-nos simplesmente assombrados pela sobriedade do desempenho, pela noção justa do tempo cinematográfico, que a sua intuição e o seu talento de artista apreendeu num momento.

Podem confiar em Ribeirinho, os cinéfilos portugueses!

\* \* \*

«Photoplay», a grande revista americana, atribui regularmente uma medalha de ouro ao melhor filme do ano. O ano passado, «As Virgens de Wimpole Street» alcançaram o ambicionado troféu, e, há dois anos, a vitória foi dada a «Quatro Irmãs».

Este ano, «A Princesa Endiabradas», de Vau Dyke, que em Lisboa passou quasi despercebido obteve a medalha de ouro, na volação do revista «yankees».

É este facto simples, tão vulgar atéis — contam-se, às dezenas, os filmes que agradam lá fora e que «caiem», redondamente, em Portugal — veio provar mais uma vez que o êxito dum filme é função das coordenadas geográficas do país onde se exhibe...

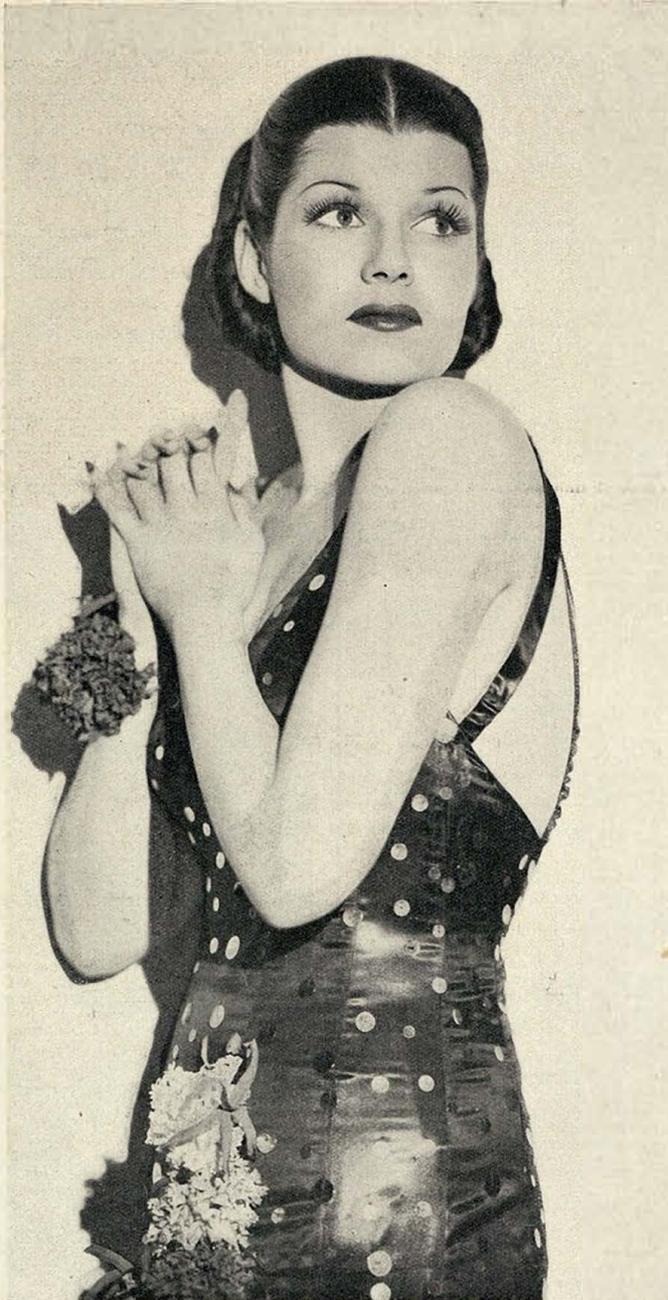
\* \* \*

«A Canção do Triunfo», de Nino Martini, exibiu-se em Lisboa com inegável êxito. Houve palmas e entusiasmo da assistência, quando o famoso tenor se fez ouvir nas árias de óperas célebres.

No Rivoli do Porto, porém, foi o delírio. E tanto assim que a Empresa para satisfazer os assistentes fez o artista bisar as suas canções mais aplaudidas. Isto é: acendia-se a luz (pequeno intervalo), voltava-se a fita atrás e Nino Martini tornava a fazer-se ouvir, incansável, com o mesmo brilho com que cantara antes.

Nos próprios anúncios dos jornais, dizia-se que o «Lucevan Stella», da «Tosca» era «bisada, a pedido do público, por entre as mais estrepitosas ovacões».

Esperamos que a moda se não generalize, o que atéis não deixava de ler o seu pitoresco, e o seu sabor...



Rita Casino, uma belidade da Cinelândia, que agora começa a aparecer nos filmes do Fox

MARIO AUGUSTO

# HARRY PIEL

## VEM FILMAR A LISBOA!

Evoca-se, a propósito, a figura do célebre cineasta e actor alemão que festejou, há pouco, a realização do seu centésimo filme

NO primitivo esquema do presente número de «Cine-Jornal», reservávamos duas páginas para a reportagem sobre Florelle—essa mulher cem por cento francesa de «music-hall» e duma beleza género *mascolte*, parecida até com as figuras femininas de certas litografias que aparecem freqüentemente em variadíssimas coisas, desde o calendário pretencioso à caixa de bolachas ordinária, mas que seria, caso nos reintegrássemos nas modas de 910, o tipo ideal de mulher provocante; *vamp*, como hoje em dia é usual chamar.

O caso é que Florelle, com o seu ar *canaille* e o seu aspecto de *mascolte*—ela possui esta dualidade—não há meio de se dignar aparecer na imunda «gare» do Rossio.

Era indispensável um artigo que substituisse em espaço e interesse aquela projectada reportagem com a Antinea... dos tempos do *can-can*. A imaginação, a astúcia, a inteligência, o arquivo—eu sei lá!—tudo foi necessário e, praticamente, nada resultou de plenamente satisfatório.

Passado pouco tempo éramos procurados pelo director da revista, que possuía a notícia sensacionalíssima que o cabeçalho deste artigo vos revela: *Harry Piel vem filmar a Lisboa*. Pareceu-nos mentira, desconfiámos que fôsse *bluff*... e afinal é exacto.

### Pormenores do notícia

Nos primeiros momentos ficámos perplexos mas poucos segundos depois reagimos com um enxame de perguntas, com uma afiliva exigência de pormenores e explicações necessárias e desnecessárias:

- Como se soube da notícia?
- Quem disse?
- Alguma carta dum amigo que está na Alemanha?
- Informação confidencial dum empregado da Havas?
- Um *suetto* numa revista de cinema estrangeira que acabou de chegar?
- Foi o correspondente na Alemanha?
- Foi notícia radiodifundida por um posto estrangeiro e que por acaso alguém ouviu?

Segrêdo, impenetrável segrêdo, que de forma alguma podemos revelar. Soubemos que Harry Piel vem filmar a Lisboa. Era curioso obter mais indicações. Conferenciámos alguns momen-

tos. Cada qual encarregou-se de sua pista.

Pois bem; conseguimos a confirmação da notícia. Ao ministério dos Negócios Estrangeiros fôra solicitada autorização para poder desembarcar o material necessário para as filmagens que estão marcadas como devendo realizar-se no nosso País.

Mais ainda: necessitava-se uma resposta urgente, pois convinha que o embarque se fizesse no navio *Madrid*. Como já tinham respondido, tratámos de indagar quando chegaria a Lisboa o *Madrid*. Fomos esperá-lo na quinta-feira passada. As sete horas da manhã lá estávamos com o fotógrafo, no cais de Alcântara, à espera do barco. Porém pouco esperados, pois na casa Lane & C. — representante em Portugal deste navio—folheámos a lista de passageiros do vapor e não encontramos o nome de Harry Piel. No entanto informaram-nos que recebem com muita antecedência aquelas indicações e, portanto, os nomes dos passageiros que compram os bilhetes nos últimos dias nunca figuram naquela relação. Um nervosismo inquietante obrigava-nos a consultar o relógio de dois em dois minutos... e só três horas mais tarde é que o *Madrid* atracou.

O fotógrafo preparou-se para captar um flagrante... mas em vão procurámos por todo o navio o actor alemão. Fomos ler a lista de passageiros de bordo e não encontramos o nome de Harry Piel. Dissemos ao empregado que nos tinham informado que o popular artista chegava naquele vapor. Em boa hora o fizemos pois este, por sua vez, comunicou-nos que Harry Piel estava realmente para vir no *Madrid* mas, como já não conseguiu tratar do embarque do material a tempo, em virtude de lhe faltarem certos documentos, resolveu também ficar, pois de nada lhe servia a sua estadia no nosso País sem o material para as filmagens.

Harry Piel ainda não chegou mas a notícia da sua vinda a Lisboa é absolutamente verdadeira e está oficialmente confirmada.

### O temperamento de Harry Piel

Os 44 anos de Harry Piel não conseguem vencer a sua mocidade; temperamento de desportista por excelência, nada consegue moderar a vida agitada que sempre tem levado. Os pais e os



Harry Piel, numa cena do «Mistério da Casa Forte»

avós foram pacatos mas burguesíssimos comerciantes. Queriam que Harry Piel se dedicasse igualmente ao comércio mas nada conseguiram. Se até aos vinte e um anos se dedica a estudar comércio e a auxiliar o pai nos seus negócios, depois desta idade reagiu com violência e obteve uma colocação como *metteur-en-scène* em determinada firma produtora. Mas o desporto tentava-o. Desde os seis anos que sempre conseguia obter os primeiros prémios em todas as competições desportivas em que entrava. Esta qualidade facilitou-lhe a actuação como actor e primeiro técnico nos filmes que realizava. Depois amealhou capital suficiente para produzir por sua conta.

Casou com Mary Pickford e foi por esta altura que os dois começaram a atingir o máximo de popularidade. Como sempre acontece, divorciaram-se. As mulheres sucedem-se na vida dos artistas como os filmes; hoje uma, amanhã outra. A última desposada—no entanto não garante que já não se tivesse divorciado—foi Dary Holm, que vimos como sua *partenaire* em alguns filmes silenciosos.

Os seus filmes são tantos que certos *jornalistas-de-fazedor* enchiam uma página só com os títulos. Desde o tempo do *mudo*—em «L'Aventure d'une Nuit» e «La Couronne Volée» até «L'Ouragan sur la Montagne» e «La Voie Périlleuse»—até ao tempo do sonoro—com títulos que ainda todos nos lembramos, «Os três amigos», «Ou éle ou eu», «Os mistérios da casa forte»—inúmeras películas têm corrido na pantalha. Foi na nossa meninice que nos habituámos a ver as películas de Harry Piel.

Ultimamente apresentou o centésimo filme. Intitulava-se «Artisten» e foi

apresentado em Portugal com o título «O grande circo». O facto dum actor interpretar e realizar em filmes é caso único na cinematografia mundial e a imprensa alemã da especialidade deu extraordinário relêvo ao facto.

### As características dos filmes

Os filmes realizados e interpretados por Harry Piel têm características muito e muito especiais. Não é o facto de éle ser produtor, realizador, *metteur-en-scène*, actor e autor de argumentos que ocasiona estas características de que falei. E, sim, o temperamento insubmisso, que o desporto acarinha e cultiva, o ocasionador da sua maneira de ser. O desporto tem sobre este homem uma influência primordial. Não só os filmes estão cheios de cenas desportivas mas também o ritmo destes é intensamente cinematográfico. A acção é sempre movimentadíssima e de interesse crescente.

Quasi todas as películas são policíacas, pois este género interessa o público e presta-se para exteriorizar as possibilidades de Harry Piel.

Cultiva a natação, o box, o automobilismo, equitação e na neve todas as modalidades de desportos. Tem treinos diários que lhe conservam o corpo sempre apto a praticar e executar com bons resultados qualquer exercício.

Estas frases são suficientes para demonstrar que o cineasta Harry Piel está perfeitamente identificado com o homem Harry Piel.

Aguardemos agora a sua chegada para saber que filme vem realizar e outros pormenores de interesse geral.

TAVARES FERNANDES

# MINHA MULHER É CINÉFILA...



Dixie Dumar, um dos tais talentos de pernas espirituais...

**Q**UEM tem culpa de que a minha mulher seja cinéfila sou eu, e mais ninguém.

Quando nos namorávamos algumas vezes falei da Clara Bow e da Marlène. Já não me lembro se linha o malévolo intuito de lhe causar ciúmes ou se, inocentemente, procurava este assunto à falta de outro melhor.

Ela é que na dúvida não se absteve, como muito bem aconselha o Calão, e logo se inclinou para a pior das hipóteses. E daí a falar-me com demasido desembaraço do Ronald Colman e do Ramon Novarro foi um passo, mais largo do que as suas saias, por demais travadas, permitium. Por isso, achei que ela se descompunha...

Mas, filosófica e cinéfilamente, pensei: — quem semeia ventos na rua Rosa Araújo, colhe «tempestades na Ásia».

\* \* \*

Ao pintar o quadro da vida futura, lá vinha eu com a promessa: — três depois comigo ao cinema sempre que queiras; acabaria os trabalhos porque passas para arrastar o teu pai a um espectáculo que éte não compreende nem lenta compreender.

E ela ficava muito contente e eu, confesso com lóda a franqueza, não ficava menos satisfeito.

Chegou o dia e, a-pesar-da gravidade da cerimónia e da resolução tomada, tive ganas de descer os degraus da igreja aos pulinhos como faria o Frei Astaire e de cantar o «Serail-ce un réve» com voz de Garal.

Logo por azar a minha mulher não se sentia nada cinéfila nesse dia. Até fez «beicinhos».

Orá eu, que estou farta de deparar com fotografias de casamentos de artistas célebres, vejo sempre a noiva com um fológico sorriso, assim como quem diz: — decididamente isto é tão engraçado que, se calhar, repito a cena.

\* \* \*

Com o feitio generoso que me anima, prometo muito, sabido como é que prometer é a melhor maneira de se mostrar boa vontade de dar aquilo que se não tem.

Por isso, quando digo que cumpro metade do que prometo é, na verdade, dizer muito.

Pois não sinto se afirmar que é rara a semana que não vou ao cinema com a minha mulher, se bem que o desejo dela fosse comparecer a lódas as sessões com a pontualidade e o entusiasmo dum deputado ao tomar posse de sua carteira, na primeira sessão legislativa.

É sempre bom, porém, a gente não se fiar em aparências. E esta prudente norma levou-me à aversão nítida pelas estrelas, não por espírito de contraacção, mas porque percebi que, para as mulheres, em regra, os cinemas dividem-se em duas categorias: os de estrelas... dos seus vestidos e os de reexibições dos mesmos vestidos.

Estou a lembrar-me daquele escritor russo que diz que cada homem traz dentro de si uma tragédia.

Com mais modéstia penso que cada homem, hoje em dia, traz consigo a preocupação dum orçamento desiquilibrado.

Se o recurso à inflação, não tendo respeitáveis razões de estado para não pagar as dividas que viesse a contrair, começa agora a ver porque é que o senhor meu sógro teimosamente se recusava a compreender o cinema...

\* \* \*

Nos tempos — já distantes... — em que era solteiro, diante dum pôr de sol outonico ou do mar em vaga, pensava muitas vezes como seria bom encontrar junto de mim um coração que batesse

em unísono com o meu, perante a mesma sensação de beleza.

No que diz respeito ao cinema, em vez da utilão do mesmo transporte artístico, só tenho encontrado motivos de querelas e malquereças.

Desde que se descobriu «a inteligência das pernas», começaram a aparecer na tela raparigas com indiscutível talento. Já tenho lido mesmo referências a «pernas espirituais» e não falo agora nas outras só para não me alongar.

Que eu me mostre sensível a uma manifestação artística, seja ela qual for, entendendo ser a coisa mais natural deste mundo.

É de calcular pois o meu enfado quando, lodo entregue à admiração da inteligência, do extraordinário espírito das «Goldwyn girls», oigo a voz agastada de minha mulher: — ainda não olhaste bastante?...

E assim se quebra o encanto evidentemente espiritual em que estava embebido.

\* \* \*

Mas o nosso grande pomo de discórdia é o Chevalier, por quem a minha mulher tem uma admiração verdadeiramente insensata.

Não sei se o que vou dizer é demasiadamente íntimo para trazer assim a público, mas a confidência ou inconfidência dá bem a medida desse felichismo.

Nos momentos mais apazíveis da nossa vida conjugal, por exemplo, quando chegamos ao cinema a horas de ver ainda os bonecos animados — o que me obriga a ir descascando a fruta pela rua abaixo e a saltar por cima do café com a mesma agilidade com que um secuado «historiador» galga certas verdades impertinentes da História — nessas ocasiões propicias a ternos arroubamentos, a minha mulher prodigaliza-me uma carícia a que eu empreso logo um pensamento reservado de botir com os nervos do mais pacífico dos cidadãos.

Consiste essa manifestação de especial contentamento em apertar com os dedos o meu lábio inferior e depois abanui-lo com meiguice, ora para um lado ora para o outro.

Manda a verdade que se diga que isto não tem nada de desagradável, antes pelo contrário. Mas das duas uma: ou eu e Shakespeare temos razão ou é minha mulher que está no sã.

Já se vê que os braços da balança se inclinam para o meu lado, dado o peso da opinião do inglês insigne, que goza da maior consideração mesmo das pessoas que não tiveram ainda tempo de o ler e que, não obstante, falam dele como de uma visita «lá de casa» (há mais intelectuais que chapéus), figurando ainda a minha opinião como contra-peso, aliás desnecessário.

Orá Shakespeare diz que a mulher é mais perfida do que a onda. Daí, quando a minha me acaricia, digo logo aos meus bolões: — Tá mar!

Enfim, não se me tira da ideia que aquele puxão pelo lábio — reparem que é o inferior — tem a pretensão de rectificar o meu perfil, de molde a torná-lo, tanto quanto possível, chevaliesco.

\* \* \*

Chegado o verão, encerrados os cinemas, tudo levava a crer que as minhas atribulações gozassem uma longa trégua. Pois é precisamente quando a minha mulher se sente mais cinéfila.

Feitas as malas quasi em segredo, só ao chegarmos à praia me é dado ver a fotogenia de certos «smalllols» de banho.

E até ao principio da temporada seguinte juro aos meus deuses não voltar ao cinema e faço preleções sobre o renascimento do teatro com o êxito que a minha falta de convicção e ausência de ouvidos que me escutam fazem previr.

AMBROSIO

QUEM há, por aí, que tivesse nascido numa sexta-feira, 13.

A leitora? E é por isso que está com essa cara de super melancólica romântica? Valha-a Deus. Animasse. Alegre-se. Convença-se que nasceu num dia de feliz agóiro e que o número 13 e a tão caluniada sexta-feira são as devidas máximas da sorte, na mitologia do calendário.

\* \* \*

Kay Francis também nasceu a 13, numa sexta-feira, dia tempestuoso e negro em que a chuva caía a potes sobre Oklahoma, sua terra natal.

Pois não ver: é a rapariga de mais sorte em Hollywood.

O seu primeiro desejo conscienciosamente formulado, era ela ainda muito nova, foi análogo àquele que geralmente todos nós temos, mais tarde ou mais cedo — viajar.

Porém, ela queria viajar duma maneira especial, mudando a residência de cidade em cidade, arrançando novas amigas, percorrendo novas escolas...

E como tinha nascido numa sexta-feira, dia 13, por, circunstâncias da vida, seus pais são obrigados a morar

# A SORTE DE KAY FRANCIS

Como consequência deste facto faz uma viagem à Europa, acompanhando seu patrão através da Inglaterra, Holanda, Bélgica e França. Sagrada sexta-feira! Bendito dia 13!...

Volta para a América e depois de maduras reflexões, resolve seguir a carreira de sua mãe, Katherine Clinton, que nos palcos de Broadway chegara a ser célebre.

Meu dito, meu feito. E apresenta-se num teatro no dia exacto em que a actriz encarregada do segundo papel tinha adoecido.

Claro que o nome de sua mãe, as graças próprias, o facto de não ser muito exigente em honorários, como era próprio duma estreante e, fundamentalmente, a necessidade do empresário em

descobrir uma actriz para lhe tapar a falta garantiram-lhe o contrato.

Kay Francis, habituada aos constantes ensaios de sua mãe, farta de representar em récitas de amadores e fari-nha de representar na vida, além disso, com uns conselhos preciosos da mamã Clinton, satisfaz plenamente, quasi direi mesmo que triunfou. E a «colega», encarregada do segundo papel, quando se apresentou de novo foi obrigada a adoe-cer outra vez...

Talvez a leitora não calcule a soma de esforços, de trabalhos, de arrelias constantes que suporta uma actriz secundária para atingir a categoria de «estrêla». Quasi sempre a mudança de categoria depende de um só momento feliz, é certo, mas é de esperar meses, anos — e a maior parte das vezes não chega nunca.

Kay Francis esperou somente uns dias — foi, com o empresário S. Walke para uma «tournee», pôs-lhe a cabeça a andar à roda, o coração em vintio, o dinheiro em água mas, o que é mais alguma coisa, em água a ferver de tal maneira que se ia evaporando quasi todo.

Sexta-feira, dia 13. Nesse dia escolhido proposadamente, por sempre ter servido de «talismã», Kay Francis reaparece em Broadway já com nome de grande carlax, um nome que já tinha escândalo. Era a protagonista de *Vénus* e o teatro quasi que veio abaixo.

*Crime, Elmer, o Grande*, esta com Walter Huston, e outras peças de valor cimentaram o completo triunfo desta rapariga que todavia, não estava satisfeita.

O cinema, eterna quimera para tantos, devia ser, pensava ela, uma simples banalidade para quem nascesse num dia 13, sexta-feira. Bastava experimentar a sorte na primeira ocasião.

Walter Huston queria, nessa altura, para o seu próximo filme, uma actriz com quem nunca tivesse trabalhado, com experiência de cinema e, por exigência do papel, loira.

Kay Francis, como se vê, não res-

(Conclui na pag. 14)



# ea influência duma

# 6.<sup>a</sup> feira 13

sucessivamente em Oklahoma, Santa Bárbara, Los Angeles, depois Denver e por fim Nova York.

Entrou, nesta cidade, para um internato, disposta a fazer tudo, menos estudar.

Era o prototipo da aluna cábula, mas a verdade é que nunca a reprovaram. Aconteceu mesmo, por altura dos seus exames finais, em que ninguém dava nada por ela, apanhar a mais alta classificação desse ano.

Matriculou-se em seguida na Universidade, mas se a meio do ano lectivo lhe perguntavam quais as disciplinas que estudava, só à custa de inauditos esforços achava o nome das mesmas, geralmente metade, das oito que então tinha o curso. Era preciso uma boa nota em Electricidade? Ela ganhava o cam-

peonato de «cross» ou disputava qualquer torneio de «tênis».

A tudo encolhia os ombros com uma indiferença superior e as notas que apanhava, singrando sem nenhuma reprovação, eram letra morta para ela, talvez porque, como às vezes afirmava, «só tinha prazer no que conseguia explicar».

Especializou-se depois em dactilo e estenografia, preparando-se, dizia ela, para o jornalismo ou para secretária de qualquer homem rico, mesmo que não fosse ilustre.

Nunca se viu tanta sorte junta: ainda sem ter acabado o curso consegue ser colocada como secretária do milionário Vanderbilt em concorrência com uma dezena de raparigas já formadas e de grande prática.



# Um Filme que vem na hora perófuria

A hora presente é cheia de dolorosas inquietações. O Japão, que aspira à supremacia do Pacífico, range os dentes diante da poderosa América do Norte, cuja força é mais forte, e não perde de vista a Rússia Asiática, tomada já que foi a Coreia na guerra de 1904, estabelecida a autonomia da Manchúria, na fronteira russo-chinesa e quasi a air-lhe nas garras a Mongólia.

Mussolini invadiu a Etiópia e as suas tropas chegam já ao lago Tana, porta aberta para o domínio do Nilo... e do Egipto, que a Inglaterra ciosamente vigia, não perdendo um passo da marcha do exército italiano...

A Alemanha esfarrapa o Tratado de Versailles e o Pacto de Locarno, militarizando a Renânia, pelo que se alarmam a Bélgica e a França, cuja famosa «linha Maginot» está a postos para deter a invasão das hostes da Alemanha hitleriana, que também não perde de vista a Austria, Memel e o célebre corredor de Dantzig...

A Espanha é agitada pela mais tremenda convulsão social. A Europa está sobre brasas.

Será tudo isto a perspectiva de uma nova guerra e da criação de um mundo novo?

Para onde vai a humanidade? Que novos ritmos a esperar?

A esta terrível inquietação que avassala o mundo actual responde o génio do escritor inglês H. G. Wells no seu formidável filme. *A Vida Futura*, cuja acção começa em 1940 e termina no ano de 2036.

\* \* \*

*A Vida Futura*, com efeito, é uma resposta eloquente a este mundo de interrogações. Os homens continuarão a buscar a perfeição e o progresso! O mundo continuará a ser agitado periodicamente por guerras cada vez mais cruéis. A arte de matar, de destruir, adquirirá, ano a ano, maior riqueza de instrumentos para os seus maquiavélicos fins.

E sobre as ruínas dum mundo velho um novo mundo se erguerá! Melhor? Mais bem organizado, socialmente falando?

O filme deixa à inteligência do espectador a resposta: cabal a tal pergunta.



# “A VIDA FUTURA”

\* \* \*

*A Vida Futura*, de H. G. Wells, filme espectacular, esforço formidável que honra o cinema inglês — é uma obra curiosa em extremo, que foge em absoluto à vulgaridade da produção corrente.

O engenho dos cineastas rivalizou com a originalidade do assunto. As cenas mais audaciosas sob o ponto de vista de antecipação foram integralmente compreendidas pelos construtores, figurinistas, cenógrafos, etc.

Todos os problemas técnicos, julgados insolúveis, foram espantosamente solucionados, no decurso das filmagens.

E, assim, *A Vida Futura* fica, como um filme padrão, a marcar o apogeu da técnica cinematográfica, nos domínios da *trucage*!

\* \* \*

Como é do domínio público, este filme, fabulosamente caro vai ser explorado directamente pela «United Artists» de Nova York, de colaboração com a «London Films», que, para esse efeito arrendou o Tivoli, onde *A Vida Futura* será exibido em rigorosa exclusividade.

Aguardamos ansiosamente a sua estreia para falarmos depois, com o relêvo que a sua formidável categoria impõe!



de

H. G. Wells

# OS NOSSOS FILMES



Lafayette soube expulsar o entusiasmo e o bom coração de Ann Viker...

**JUNHO** de 1917. Os Estados Unidos enviam para a Europa os seus soldados mais fortes e mais corajosos. No ar, pairava um sópro de temeridade e heroísmo.

E Ann Vickers (Irene Dunne), uma paladina da justiça e da igualdade, socialista, abandonando os seus fúteis combates de outrora, levava, com a sua juventude triunfante, àqueles que partiam, o conforto da sua dedicada assistência. Ponto final nas questões de outrora, nas batalhas das sufragistas, nos movimentos de revolta contra as iniquidades de momento. Os homens partiam! Talvez para sempre. E após «esta cruzada, destinada a abater a prepotência dos prussianos, a paz universal havia de reinar para sempre...»

\* \* \*

Empregada num «bureau» de Y. M. C. A., Ann tomou parte activa na organização duma grande festa em honra dos combatentes que deviam partir dai a dias. E foi nesse dia que ela conheceu Lafayette Resnick (Bruce Cabot).

O jovem oficial soube explorar o entusiasmo e o bom coração de Ann. E confessara:

— Quantos heróis lá em França terão sido tão medrosos como eu.

Dez minutos mais tarde propunha-lhe o casamento. Era a segunda proposta daquela noite. Ann sorriu. Mas, no dia seguinte, tornou a ver Lafayette. Certa noite, deixou-se beijar. E ficou entontecida, assombrada com o fogo daquele beijo que a queimou como uma labareda.

Não se casaram. Mas Ann acompanhava Lafayette à estação. E conseguiu murmurar, vencer as lágrimas que lhe tolhiam a garganta:

— Deus te proteja. amor!

\* \* \*

Lafayette escreveu-lhe todos os dias durante três semanas; cartas ternas, mas sem calor; aquele que ela supunha torturado, inteligente e bom, revelava-se, pouco a pouco, vaidoso, egoísta e miserável até.

Depressa deixou de escrever e foi por mero acaso que Ann o tornou a encontrar num restaurante. Procurou disfarçar, mentir — mas Ann compreendeu-o.

Chegou até a prometer que a desposaria, mas ela preferiu a essa formalidade, uma liberdade de que não abdicava, muito embora lhe fôsse, agora

mais do que nunca, penosa e torturante.

Porque é que não lhe chegou a falar no filho que ia nascer dai a dias. O filho que devia ser dêle também mas que, pela força das situações, ia ser seu apenas?

Mas porque ia nascer êsse filho! Para conhecer a desventura daqueles que a sorte abandonou antes mesmo de terem a consciência da vida e de si próprios? Êle não queria êsse filho. As suas

convicções prevaleceram. E depois do irremediável se ter consumado uma espécie de remorso apoderou-se dêle:

— Oh! a alegria de ter um filho, de o acalentar, de o ver crescer...

\* \* \*

Ansiosa por esquecer a penosa aventura, Ann procurou, mais do que nunca, consagrar-se às obras sociais; depressa conseguiu ser nomeada delegada de Copperhead Gap, no Estado do Sul.

Vida horrível e tumultuosa, de lutas e cansaças. Durante longos meses, procurou reformar as leis da penitenciária, dirigida por brutos. Teve que se defrontar com o subtil e feroz dr. Slenk e sobre tudo com o ignóbil capitão Valdo, um verdadeiro carrasco.

Tudo quanto a existência encerra de miséria moral, de comovente, de doloroso, Ann viu desfilar nesse asilo do furor e do suplicio. Pretendiam ali quebrar os criminosos. E, de quando em quando, o cerimonial arripante das execuções capitais.

Teve que se habituar a todos êsses horrores, como se habitasse à ideia de ter um cancro. A-pesar-de tudo pouco a pouco foi-se aproximando dos presos, procurou conhecê-los melhor e torná-los melhores. Tarefa árdua e heroica. Ann tomou-a como um apostolado.

Tornou-se perigosa para os grandes do presidio. Armaram-lhe um terrível «complot», para que ela se sentisse obrigada a pedir a demissão. Uma «mise-en-scènes» venenosa fêz-lhe perder a última cartada que jogou.

Mas Ann, mulher finíssima e inteligente, não desarmou. De regresso a Nova-York publicou um livro audacioso.

so, mas sincero, que teve uma enorme repercussão na América inteira.

A sua nomeação como directora do presidio de Stuyvesant Home foi uma consequência lógica da sua actividade. Dirigiu-o segundo os métodos modernos. Sabia que a sua missão não era castigar, mas persuadir, regenerar os prisioneiros.

E o êxito recompensava os seus esforços. Ann tornara-se numa personalidade em evidência. Mas as alegrias da sua carreira não lhe preenchiam o vazio da sua vida. E pensava, às vezes:

— Quanto eu gostava de ter um marido, que fôsse o meu amparo espiritual... Que bom que era!... E uma filha!... Com que orgulho eu a veria!

\* \* \*

Quando encontrou Barney Dolphin (Walter Huston), Ann compreendeu que, na sua vida, êle ia significar alguma coisa. Era juiz do Supremo, em Nova-York. Razoável nas suas sentenças, recto e honesto — só o vinho e as mulheres seriam capazes de o perder.

Encantador, irónico, por vezes mordaz, cínico de quando em quando — tinha um gôsto decidido pela aventura. Sabia-se que era casado, mas que vivia, há muito, separado da mulher.

Trabalhou com êle, numa intimidade de camaradas. Recordaram, ambos, episódios das suas vidas, noutros tempos. Quando pela primeira vez a abraçou não ousou, sequer, dar-lhe um beijo.

Ann, desde então, passou a viver, unicamente, para êste amor tardio. Ele

A justiça, fria, pura, brutal — condenou-o a seis anos de prisão.

Ann não o abandonou nesta dura prova. Tudo parecia correr contra os seus desejos. A allivez, a repulsa com que ela se recusou a procurar que o seu marido, por seu intermédio, fizesse uma confissão das suas culpas, originaram a sua demissão do lugar no presidio. E, assim, suportou mais um rude golpe na sua coragem, na sua indomável vontade de ser feliz.

\* \* \*

A sua vida, com o filho, passou a ser um calvário. Foi incansável para obter o perdão de Dolphin. Por tôda a parte, encontrou faces impenetráveis, argumentos dmn rigor extremo! Orgulhosa, a-pesar-da sua infelicidade, lançou-se ao trabalho, para assegurar a sua vida e a de seu filho, Matt.

\* \* \*

Três anos decorreram desde que Dolphin entrara na prisão. Ann desesperava já de conhecer aquela tranquillidade que sonhara.

Um dia, porém, bateram à porta. Respondeu, com indiferença, o centro usual. Um homem avançou. Era Dolphin. Supôs, a princípio, que êle se evadira, para a rever. Não! Haviam-lhe comutado a pena. Voltava, livre, enfim!

Ela ficou boquiaberta, com a respiração entrecortada, os lábios trémulos. Depois lançou-se, loucamente, nos seus braços.

# ANN VICKERS

deu-lhe um filho, o filho que ela ambicionava.

Uma criança adorável!

\* \* \*

A fatalidade pesava sobre Ann. Dolphin, o seu amante, foi envolvido num escândalo. Mais por imprudência do que por desonestidade. O processo foi sensacional.



Ann discute todas os assuntos de justiça com invulgar calor



no declínio da sua carreira. Buster aceitou então, papéis em filmes, que não haviam sido imaginados pelos seus «gagmen» e que não se lhe ajustavam, de forma alguma. Após Natália Talmadge, que só o abandonou depois de ele lhe haver garantido uma pensão, sua segunda mulher, Mae Scribbens acusou-o de abandonar e exigiu-lhe ainda há pouco, 200 mil dólares de pradas e danos. E para coroar este quadro de família, no dia seguinte ao do internamento de Buster, feito a pretexto da sua extrema confusão mental, Mae Scribbens apressou-se a declarar:

«Posso ajudá-lo. Já o curei há três anos... Eu prescindindo da minha pensão, pois sei bem que a crise de dinheiro concorreu para a sua desgraça».

Escusado será dizer que estas declarações eram pura teoria. Só *in mente* Mae Scribbens prescindiu da pensão, pois não deixou de a sacar no Banco até ao último centímo...

\* \* \*

Para nós, Buster Keaton continuará a ser um dos nossos melhores amigos de infância. Não podemos pensar nele sem evocar Zazu Pitts, nas suas produ-

(Conclui na pag. 14)

**C**OM que tristeza falamos de Buster Keaton, que durante tanto tempo foi o nosso guia no mundo maravilhoso onde a infância do cinema e o cinema da infância andavam de mãos dadas! Se bem que esteja vivo — morreu. Ontem a loucura que o prostrou no leito dum hospital. Hoje, o fim duma carreira, que se traduz no regresso à sua posição dos primeiros tempos: Pamplinas intérprete de farsas em duas partes. Finalmente encontrou na vida aquela justificação da sua sisudez tristonha de que impregnava os seus filmes.

A minha vida, dizia ele, está cheia de «gags» espontâneos. Vejamos!

\* \* \*

Seus pais, Joe e Myrna Keaton faziam um número de acrobacia que exibiam de terra em terra. Andavam em *tournée* quando Francis Joseph nasceu.

Era uma noite tempestuosa, 4 de Outubro de 1896. Pickway, no Kansas. O pai teve que pedir ao público desculpa da mãe não poder trabalhar e para mostrar que não mentia, exhibiu o recém-nascido, embrulhado em flanelas... Foi assim que Francis-Joseph apareceu pela primeira vez em público.

\* \* \*

Em 1917, na escola de Fatty, Buster Keaton aprendeu a encarnar todos os desastres e fatalidades, com aquela negligência, com aquela distração e inconsciência que são próprias dos poetas... Lembrou-se então do êxito que alcançava quando era menino, quando seu pai, cansado de fazer habilidades de «cow-boys» com as cordas, passou a usar uma vassoura como pincel da barba, da barba que hipoteticamente lhe fazia. Lembrou-se também de Tom Hearn, o «jongleur adormecido» e

de Patsy Doyle, «o gordo triste», que, flegmáticamente, contava ao público as suas desventuras e os seus desastres. E compreendeu imediatamente que a sua impassibilidade lhe seria útil, quando se estreou na tela, com uma queda de bicicleta, num filme de Fatty, *The Butcher's Boy*.

«Há cómicos, dizia ele, que gostam de «acamaradar» com o público. Fatty, por exemplo. Os espectadores riam «com ele». Mas quando constata a minha indiferença e a minha surpresa, é «de mim» que eles se riem».

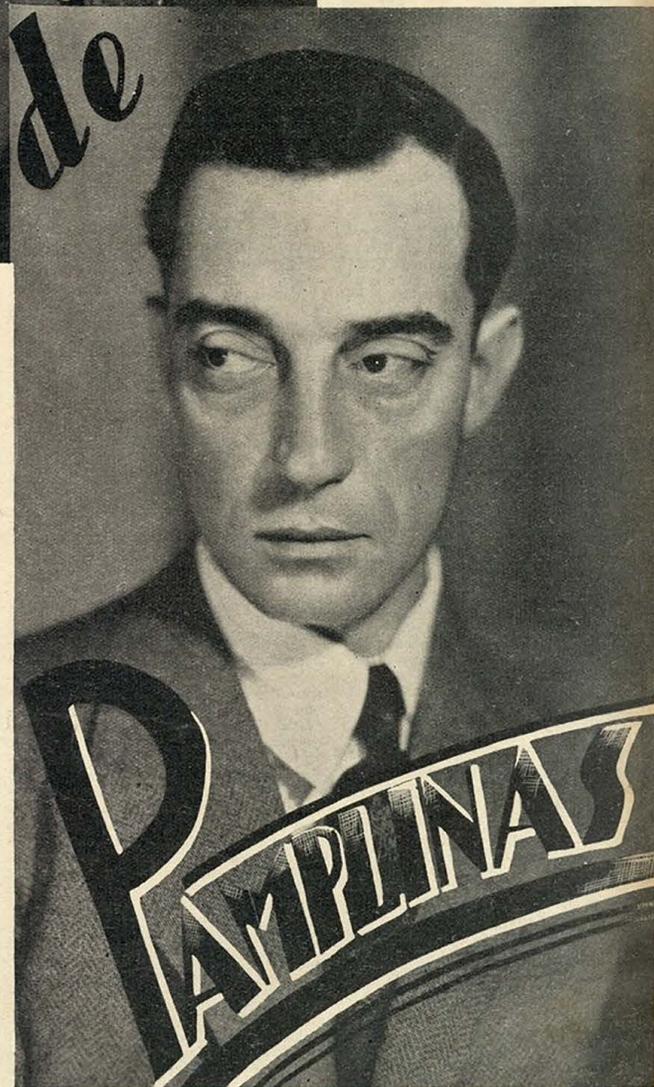
Mas Buster Keaton depressa deixou de ser o parceiro de Fatty. A guerra reservava-lhe outras surpresas.

\* \* \*

Em 1918, Buster partiu para a França. Serviu na célebre «Rainbow Division» e regressou à América, como graduado, cinco meses depois da assinatura do armistício. Mal sabia ele que a guerra para alguma coisa lhe devia servir mais tarde. Foi graças à sua actuação e invocando a sua qualidade de combatente, que este homem desempregado, doente e sem dinheiro, conseguiu ser internado numa Casa de Saúde para miilares.

Hoje poucos se lembram dessas verdadeiras maravilhas de cinema e bom humor que foram as suas farsas em duas partes. Todos esqueceram *As Leis de Hospitalidade*, *As Sete Ocasões de Pamplinas*, *Cow-boy à força*, êsses filmes deliciosos onde Buster Keaton vagueava, como se fosse um sonâmbulo errante ao meio dia.

É verdade que depois do advento do sonôro, Buster Keaton andou de mal a pior. Não soube defender-se como Harold Lloyd, que aliás valia menos do que ele. É é curioso notar que o divórcio requerido por sua mulher, Natália Talmadge, influiu extraordinariamente



# UM DRAMA NUM HOTEL



Virginia Bruce, com um tralo composto de 500 penas de avestruz, dá um bocado de trabalho o filmar

## Intervalo

### O «Crime de Sintra»

Mais conhecido pelo «Caso Uceda» encerra uma significação que interessa aos autores policiaes, aos realizadores de cinema e, entre nós, aos distribuidores de filmes.

O imprevisível, a possível e imaginada atmosfera passional, a fartura das revelações, quasi por capítulos, e até (estas coisas são sempre editorialmente muito comerciais) uma nota libertina, o «escandalozinho», é uma planificação admirável como técnica de romance policial. Desde o aparecimento do cadáver irreconhecível, ao éter, ao *hâbil agente*, o encadeamento dos factos segue a marcha tecnicamente perfeita dum volume de literatura do género.

O público é sófrego destas coisas! O «caso» tomou uma popularidade gigantesca, o assunto tornou-se obrigatório. É, é curioso, destacando a imprensa o palpitar do problema, ou problemas, internacionais — nunca estas coisas tomaram tanto interesse, ou levantaram a ceulema (isto no sentido amplo da expressão «público») como o chamado «Crime de Sintra» ou outras coisas mais...

Daquí os homens do cinema comercial concluirão que o filão a explorar é a fita mesmo muito policial; por outro lado, a exhibição dos «filmes» de guerra está sujeita a um público escasso.

Isto porque o homem procura na ignorância, não pensar, o ópio que lhe apagará a preocupação que o constringe, que o acorharda...

### A Confusão

Quasi ao mesmo tempo o São Luiz exhibia as «Virgens de Wimpole Street» e o Trindade a peça «Amor» do dramaturgo brasileiro Oduvaldo Viana.

O paralelo interessa, pela confusão de estilos.

As «Virgens» resultaram *teatro* pelo estreitamento da acção, pela literatura do diálogo, pelo «ponto de apoio» do entrecho, centrado, quasi sempre, na sala-mausoléu onde fenecia a mocidade da poetisa Elizabeth Barrett. Parece que estará tudo dito nesta contradição, quando se trate de cinema: «literatura do diálogo»!

O panorâmico, a abstracção, a ficção: o cinema, está-vos vedado por aquelas mesmas espessas bambinelas que enlutavam a janeta por onde não entrava a vida...

Não quero dizer que *teatro* seja só aquilo e que *cinema* só isto, mas: também é.

O «Amor» anunciando a montagem em seis palcos deixava antever, nesta inovação, entre nós, uma punjaça de imaginação, de entrecho, acção transbordante e plerótica, não cabendo num só palco, limitado pelas «direita alta», «esquerda baixa», et cetera. Não aconteceu assim, porém. O autor socorreu-se mesmo de coisas primárias como, por exemplo, as cenas entre dois palcos em que as personagens dialogam reciprocamente ao telefone.

O «Amor» é como o amor — um devaneio de fraquezas!

Mas suponhamos que a necessidade dos seis ou não sei quantos quadros era realmente devida às razões que eu preconcebera (parte da trama é conduzida às regiões celestes) e que queriam ser — acontecia então, mais uma vez, esta eterna confusão entre *cinema* e *teatro*.

### As fitas vistas por dentro

Assisto hoje ao desenrolar dum filme sem aquele sobressalto de curiosidade que outrora me fazia pregar os olhos no «écran», numa illusão perfeita, numa obsecção de sonho, só entrecortada pelas vergastadas de luz dos intervalos.

Ao tempo — era então no desportar duma adolescência incipiente — eu tinha esta virtude que é a da maioria do público: não percebia nada de cinema.

Tal como um céptico para quem a ingenuidade natural dum gesto ou a attitude duma ideia presuppõem uma intenção rasteira, eu assisto aos mais exaltados lances amorosos e arranques dramáticos a pensar sempre na câmara do operador que ali está posta à frente, e às ordens do realizador, e à distribuição da luz, e às soluções fáceis, e ao engenho da montagem... Deve ser horrível, não é verdade, seguir a *história* não pela continuidade projectada mas pela seqüência duma planificação? Então, desculho esta coisa divertidíssima: a «ingenua» quando se dispuha a sair tinha risca ao meio e quando chega à rua tem risca ao lado, quando não usa sapatos diferentes daqueles que calçava instantes antes. Devem avaliar que a tarefa não é fácil, tanto mais que mal me chega o tempo para soletrar as legendas, muitas vezes sobre-impresas em branco...

Dar-se-á aqui um cepticismo de espectador? A modos — que a radiografar aquilo? Talvez, mas não deixo por isso de vê-la a fita; simplesmente é vista ao contrário, que é como quem diz: é vista por dentro.

GUALTER CARDOSO

O grande relógio do vestibulo do Hotel Savoy marca as cinco menos dez. É a hora do chá. A porta girante move-se constantemente e quando as pessoas que entram afastam o reposteiro, vêm-se através das vidraças um trecho de rua, um porteiro agalgado, uma tableta com caracteres russos, sob a luz opaca de um candeeiro de gás, um trenó que passa, ao som dos guisos dos cavalos, e flocos de neve caindo suavemente sobre o lago. Uma imagem de Moscovo no ano de 1890.

Ao lado da escadaria, sob os frisos dourados do vestibulo, entre as tapeçarias de veludo vermelho que cobrem as paredes, vê-se um grupo de elegantes, sentados a mesas baixas, de esgutas pernas torneadas. Eles de «frack» cinzento ou com os helos «dohnans» brancos da Guarda Imperial e elas com grandes chapéus de plumas, cobrindo formosas e provocantes cabeceiras cujos caracóis negros caem indolentemente sobre as reidas vaporosas dos vestidos. Jovens «dandys» de ternos xadrezados e gravatas de cores berrantes ostentam uma flor na botociera e o inseparável monóculo. Meninas de grandes laçarotes no cabelo, fumam «papyrossis», as longas cigarrilhas dos russos. Rapazes de casaca, com grande laço branco e luvas da mesma cor, deslizam silenciosamente pelo tapete fofo, enquanto que o chefe de recepção, de «frack» abotoado e polainas brancas, saúda respeitosamente os frequentadores do hotel.

Conversa-se baixinho, como que ciando segredos. O ambiente enche-se de um murmúrio terno de vozes, e uma risada sóa como o ruído cristalino das colheres de prata nas chávenas de chá. Contam-se «calemhours» e dizem-se anedoctas com grande profusão de palavras francesas. Ouve-se o tilintar das esporas e as pancadinhas sêcas dos saltos Luiz XV batendo nervosamente no tapete. Perfumes e sêdas, todo um mundo de «frou-frou», de leviandade, de riqueza, de luxo, de ambição e de poderio.

Os lustres difundem uma luz quente sobre as paredes de mogno e reflectem-se brilhantes nos grandes espelhos de cristal com largas cercaduras douradas.

Na parede fronteira, um retrato do Czar das Rússias contempla com ar sério e discreto este mundo elegante de 1890.

De repente, nota-se agitação na sala. Uma mulher formosíssima e um jovem elegante atravessam o vestibulo. Ele, de semblante rude, denunciando uma certa validade num corpo de atleta, terá talvez 25 anos. Traz nas mãos enluvadas, numerosos pacotes e caixinhas. O seu nome é Schuwalow. Ela, Anastácia Androwna, é uma perturbante beleza de trinta anos incompletos. Anastácia aproxima-se da escadaria passando próximo de um grupo de officiaes. Um deles arregala os olhos, acolovela o companheiro, e imediatamente ouve-se murmurar baixinho. Outras pessoas voltam-se também, sorriem, e seguem com os olhos os dois elegantes. Alguns fazem tregeitos de malícia. Mas mal a formosa mulher desaparece com Schuwalow no alto da escada, os grupos voltam novamente a ocupar-se dos seus interesses... «flirt» de mesa para mesa, vênias, apresentações, segredinhos, risadas. Há uma atmosfera de provincia, de interior, que se poderia estranhar neste hotel de luxo. Mas Moscovo, em 1890, era ainda uma cidade provinciana, longe da grande metropole de S. Petersburgo.

Ouve-se acordes de música. A orquestra do hotel toca agora uma canção russa. Nos grupos reina maior animação.

O «garçon» não deve tardar com o «coçgnac», e com os doces liciores e depois dançar-se-á e por toda a sala haverá um ambiente de franca alegria, de alegria moscovita.

De súbito, ouve-se um tiro. O eco da delonação repercute estrondosamente na sala. Um segundo de pavor... seguido de silêncio absoluto. E agora, outro tiro, gritos e ruídos que vem de cima, do primeiro andar. As senhoras, imobilizadas pelo medo olham para o alto da escadaria, por onde corre o chefe de recepção. As criadilhas juntam-se a um canto, todas trêmulas. Os garçons, seguindo o chefe, correm para a escadaria, e à frente de todos vê-se um cavalheiro de «smoking», que diz:

— Foi por cima do nosso quarto...

E o chefe de recepção conclui ipso-facto, com a expressão de quem não se engana:

— Então, foi no número 217.

O cavalheiro de «smoking» corre para o 217, empurra o batente, mas a porta não abre.

— Arrombem a porta. Pode ser que a pessoa atingida só esteja ferida.

Mas o chefe de recepção contesta e desaprova.

— No nosso hotel não se arrombam portas.

Neste momento a porta abre-se, e um rosto pálido aparece. É o Andrei, um rapaz alto e muito louro. E é quasi gritando que êle exclama:

— Matarum Anastácia Androwna!

Matarum-na, a tiro.

E ao meio deste tumulto ouve-se de repente uma voz aguda exclamar:

— Está esplêndido, obrigado.

E logo a seguir, uma voz de comadão:

— Apaguem o projector!

E agora, estamos adivinhando a pergunta do leitor: E claro que as duas últimas exclamações não pertencem ao enredo da história da qual descrevemos uma cena filmada nos estúdios da Ufa, em Neubabelsberg. Hans Albers é Andrei, Brigitte Horney faz o papel da mulher formosa, e Ueický, a quem pertencem as duas exclamações «inopportunas», é o realizador dêsse filme, que se intitula *Hotel Savoy 217*.

E agora, estamos adivinhando a pergunta do leitor:

— Afinal, quem foi que a matou?

Mas isso fica para outra ocasião...

Berlim, Abril de 1936.

M. B. SANTOS E SILVA

(Em exclusivo para *Cine-Jornal*).



Mickey e Minnie festejaram os seus bôdas.

Pluto, o cão, parece «derretidissimo»...

**M**ARIA Castelar, a deliciosa figurinha do cinema português, a «Francisquinha» das Pupilas, que vamos ver, agora, no Trevo de Quatro Folhas, num papel de maior relevo, concedeu à revista brasileira «Cinearte», uma curiosa entrevista, que reproduzimos a seguir, com a devida vénia, dado o interesse de que se reveste. Os nossos leitores vão lê-la com prazer e regalar os olhos na contemplação da linda foto da vedeta, que damos nesta página.

— Como veio para o cinema?  
— Talvez por nunca ter pensado em ser artista; não pedi a ninguém, e aceitei o convite que me fez o ilustre realizador Leitão de Barros.  
— Qual era a sua aspiração, antes de ser artista de cinema?  
— A minha aspiração... é de carácter tão íntimo que peço perdão de a não revelar... e guardar segredo.  
— É agora?  
— Seria agradar em absoluto, para ter a esperança de que os realizadores das novas produções se lembrem de me convidar.  
— Gostou do seu papel nas Pupilas?  
— Sim. Era gracioso e facilmente me adaptei a êle, sem dúvida por não exigir grande talento artístico.  
— Que papel desempenha no Trevo?  
— O papel é amoroso. Quanto ao resto... por certo não ignora que saber guardar o segredo profissional, é uma grande virtude...  
— Mas, é melhor do que o anterior?  
— Como lhe acabo de dizer, preso-me de não ser cata-vento, o dito, dito.  
— Agrada-lhe o trabalho no estúdio?  
— Acho-o muito interessante. Gosto daquela vida agitada... e de sonho.  
— O cinema foi a única manifestação artística da sua vida, até hoje?  
— Foi, sim.  
— Porque gosta do cinema?  
— Talvez por ser a Arte que encontrei mais palpitante de novidade e de interesse, quando comecei a abrir os olhos para o mundo; mas principalmente, por ser ela que o destino reservava para uma grande surpresa e muito agradáveis sensações.  
— De que filmes tem gostado mais?  
— As Cruzadas, As Pupilas, A Severa, As Quatro Irmãs, Os Lanceiros da Índia, e outros que no momento não me ocorrem.  
— Que lhe agrada mais, em literatura?  
— Em volta da boa literatura, sou como uma borboleta deslumbrada, mas indecisa sobre a luz que há-de preferir.  
— Que pensa do Cinema Português?  
— A minha impressão é ótima e sinceramente o confesso, pois não tenho nada o hábito de dar a primazia à galinha da minha vizinha...  
— Conhece o Brasil?  
— Não, infelizmente. Tenho grande empenho em visitar esse encantador país, que conheço somente através de fotografias.  
— Que desportos pratica?  
— Gosto de todos, mas só pratico um: o «tênis».  
Pedi-lhe ainda para me revelar a sua biografia a traços largos, na esperança de ver nela qualquer coisa de notável, mas Maria Castelar responde-me:  
— Com a minha pouca idade e sem razão para me considerar em vésperas de morrer — ainda não tenho biografia.  
Gostei destas respostas, prontas e esertas; por isso as reproduzo fielmente.

\* \* \*

Maria Castelar não pensara nunca em trabalhar em estúdios cinematográficos. Fez os seus estudos liceais, e após estes voltara à vida doméstica.

Agora, a-pesar-de nova, não se retraiu com acanhamento. Confessa-se sincera-



mente ambiciosa, e deseja ser alguém no Cinema Português.

Era uma vulgar e linda espectadora como tantas outras, preocupada somente com a sua vida particular e as suas naturais e próprias distrações. Leitão de Barros teve a culpa: contratou-a, depois das necessárias «démarches» junto da família. E ei-la na tela.

Quere trabalhar muito, quere ser uma artista notável. Para isso, esforçar-se-á com a máxima dedicação nos seus trabalhos, no constante desejo de agradar a toda a gente, a directores e público. Mas, no seu desejo sincero de notabilidade, revela modéstia, e não infrene e ridícula presunção.  
No ligeiro papel, tão encantador, das

Pupilas, vislumbrámos nela uma predestinada para a arte de imagens faladas. Vamos ver brevemente O Trevo de Quatro Folhas e esperamos encontrar essa figurinha frágil de mulher, graciosa e cativante, triunfando uma vez mais e num papel de mais amplos recursos. Maria Castelar não conquistou o cinema. Não! Este é que a conquistou!

# MARIA CASTELAR



Wallace Beery, exercita-se no seu jardim...

## CARTA DO PORTO

### Cinema Carlos Alberto

É finalmente hoje que abre as suas portas o novo cinema Carlos Alberto que, como dissemos já, vindo servir um populoso bairro da cidade, muito contribuirá para o desenvolvimento, sempre crescente, do gosto público pelo cinema.

A vasta sala de espectáculos, ampla, arejada e de lindo aspecto, com a nova disposição que lhe foi dada, apresenta grandes comodidades para o espectador, tornando-se um dos mais agradáveis recintos do género.

o cinema Carlos Alberto, numa louvável orientação, vai ser dada uma feição caracteristicamente popular, sobretudo na modicidade dos preços, o que decerto, e pelos seus inúmeros atractivos, lhe proporcionará, num futuro bem próximo, uma vastíssima concorrência.

A inauguração far-se-á com a produção «Barqueiros do Volga», filme que tem de ante-mão o réclamo feito, pelo invulgaríssimo êxito obtido há anos pela versão silenciosa do mesmo romance, sucesso que ainda não se apagou da memória de ninguém.

No entanto, o cinema Carlos Alberto, além de variadíssimas estreias, apresentará, em réprise, os filmes de mais destacado êxito, o que permitirá a todos, por um reduzidíssimo preço, apreciar as melhores super-produções da actualidade.

Com tal orientação, que reputamos de plausível, de apreciável, tudo faz prever o mais lisonjeiro resultado ao novo empreendimento do distinto e conhecido empresário, e nosso amigo sr. António Neves, a quem o Porto deve a maior parte do seu desenvolvimento cinematográfico.

### Os triunfadores da semana

Constituiu mais uma nitida e retumbante vitória para os dois já queridos e populosos artistas Fred Astaire e Ginger Rogers a apresentação, no cinema Trindade da interessante produção «A alegre divorciada».

Na noite da estreia o público entusiasmou-se abertamente com o salutar humorismo do curiosíssimo argumento e, a juando da apresentação da deliciosa dança «A Continentais».

Todo o público, lóda a vasta plateia do Trindade, foi esmagada pela aliciante beleza dêsse delicado bailado.

Ginger Rogers e Fred Astaire, são,

positivamente, os triunfadores da Semana no Porto, onde a sua arte invigilar entusiasmou e interessou plenamente o público que tem feito esgotar as lotações da maior plateia de estreias desta cidade.

Tão notável êxito da excelente produção da R. K. O.-Rádio, «A alegre divorciada» merece êste apontamento.

### «Vende-se um fantasma»

Não conseguiu interessar, verdadeiramente, o público do Porto, o magnífico filme de René Clair «Vende-se um fantasma».

É pena que, como já aconteceu com «O último milionário», as obras-primas do grande cineasta francês, verdadeira glória do cinema europeu, não sejam compreendidas senão por uma insignificante parcela do público.

Porque a verdade, a grande verdade, é que valores como René Clair, não abundam no mundo cinematográfico.

### Aliança Filme

Em virtude do grande desenvolvimento que têm tomado os negócios do nôvel distribuidor desta cidade, Aliança Filme, que apenas há meia dúzia de meses começou a distribuir as excelentes produções da R. K. O.-Rádio, esta firma vai mudar a sua sede para um prédio da Rua Passos Manuel, onde ficará devidamente instalada.

«Aliança Filmes» de que é sócio gerente o nosso distinto camarada Alberto A. mando Pereira, tem, pela sua proficiente direcção, a despeito da sua recente organização, marcado em bem destacado lugar na corporação cinematográfica portuguesa.

CARLOS MOREIRA

## As nossas capas

Na primeira capa: Raúl de Carvalho, no papel de Bocage, do filme do mesmo nome, que Leitão de Barros está realizando.

Na segunda capa: Alice Field, a vedeta da «Rainha de Biarritz», desempenha neste filme o papel que Auxenda de Oliveira criou nos nossos palcos.

## Kay Francis

(Conclusão da pag. 7)

pondia a um único dos quesitos, mas como tinha nascido numa sexta-feira, por sinal dia 13, apresentou-se e, antes que mudasse a cor dos cabelos, mudou Walter Huston de opinião. Foi contratada e tão bem ou tão mal andou que Hollywood, depois da exibição do filme, lhe enviou as desejadas propostas.

Na capital do cinema tóda a gente a discute e do mais categorizado director até ao mais modesto carpinteiro que prega a lona para a «cantaria» de qualquer palácio sumptuoso, não há ninguém alheio à protentosa sorte de Kay Francis.

Sorte, quando pulveriza quilómetros no seu «Cadillac», estabelecendo tal pânico nas estradas da Califórnia que até a policia foge dela. Sorte, quando num desastre de ascensor, em Los Angeles, ficaram todos os passageiros feridos, com pernas partidas e braços deslocados, excepto ela que saiu sem uma única beliscadura. Sorte, quando se senta nas mesas de jogo do Casino de S. Mónica onde não há memória de ter perdido dinheiro. Sorte ainda, quando se senta à mesa do «restaurant» do estúdio e pode comer de tudo, sem dieta, porque não tem, como quasi tódas, o perigo de perder a «linha», elegant entre as elegantes de Hollywood.

\* \* \*

E ai tem a leitora que, por ter nascido com medo de, a todo o momento, ver surgir o vulto desgredhado da fatalidade. Se ainda agora não se convence da sorte tem, em face de tão grande exemplo, francamente, desisto.

FERNANDO GARCIA

## PAMPLINAS

(Conclusão da pag. 11)

giosas imitações; Luiza Fazenda com o seu nariz descomunal; Mabel Normand que então comia as primeiras salsichas com Charlot. Lembram-se dêsse tempo?

Lançava-se uma granada no mar — e os cachões que se erguiam enclachavam as pessoas que se encontravam numa ponte distante... Fatty apanhava com tortas de creme em plena face e Ben Turpin, o vêsgo, fazia tropelias do diabo! Bons tempos!

Hoje já não é assim. Peneudo morreu! Ben Turpin «já não olha contra o governo»... Os cómicos deixaram de rir. E, depois do internamento do «frozen faced comedian», no National Military House, de Santele, na Califórnia, Pamplinas morreu. Por d'ò talvez, depois de ter envergado a camisa de forças, Buster Keaton interpreta para a «Educational Pictures» umas filhinhas cómicas, sem graça — o Canto do Cisne daquele que foi, com Charlot, o expoente máximo do Riso.



Como  
uma nova  
PELE BRANCA  
conquista o amor

Eu descobri que o coração dum homem é emocionado por uma pele macia, fresca e branca. Tóda a mulher pode fazer esta experiência, satisfazendo-se pessoalmente e conquistando novos admiradores, apenas com um simples ensaio, análogo a êste que fiz em mim, com o Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso). Este contém agora creme fresco e azeite predigeridos, combinados com elementos adstringentes, que embranquecem e tonificam a pele. Penetra instantaneamente, acalma a irritação das glândulas cutâneas, fecha os poros dilatados e dissolve os pontos negros a tal ponto que desaparecem. Branqueia a pele mais escura e amacia a mais seca. O Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór Branca, torna, em 3 dias, a pele dum beleza e dum frescor novos e indescritíveis, dum maneira impossível de obter por modo diverso. Dever-se-ia empregá-lo tódas as manhãs.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

## f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras as mais recentes modêlos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores — Capa a cores  
Esc. 1950

## CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO  
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27  
Telefone 2 1368 e 2 1227

Comp., impressão e gravuras BERTRAND (irmãos), Lda  
Trav. da Condessa do Rio 27 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano ..... 48300  
25 " 6 meses ..... 24500  
12 " 3 meses ..... 12500  
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano ..... 63500



M'CAMPOS

Espinhas, Pontas pretas, rugas, verrugas, manchas, sardas e cicatrizes, desaparecem rapidamente com produtos e tratamentos sob a direcção médica,

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35 — Tel. 21866

LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# «MIL VEZES OBRIGADO!»

**THANKS A MILLION**

**Dick POWELL**

em Breve, no  
**Palácio e Odéon**

**Ann DVORAK'S ALLURE!**

**Fred ALLEN'S COMEDY!**

**Patsy KELLY'S CLOWNING!**

**Paul WHITEMAN'S MUSIC!**

**RUBINOFF'S VIOLIN!**

**Raymond WALBURN'S ACTING!**

**The YACHT CLUB BOYS' HARMONIZING!**

**RAMONA'S SPECIALTIES!**

Uma produção da 20<sup>th</sup> Century-Fox,  
distribuída pela Companhia Cinematográfica de Portugal (Secção Fox) |

The poster features a central illustration of Dick Powell in a tuxedo, smiling with his arms outstretched. The background is filled with various scenes from the show, including musical performances, clowns, and other entertainers. The title 'THANKS A MILLION' is written in large, bold, white letters at the top. Below the title, the name 'Dick POWELL' is prominently displayed in a large, white, star-shaped graphic. At the bottom, there is a row of smaller star-shaped graphics, each containing the name of a performer and their act. A small text box on the left side of the poster indicates the venue and timing. At the bottom center, there is a text box providing production and distribution information.

Uma estreia sensacional, na próxima 4.ª feira, 29

28/4/1936

# CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 28 — 27 DE ABRIL DE 1936 — 5AI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



*Alice Field*

**“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA**